

A BOA CAUSA DO PALADINO DA LÍNGUA

Antônio Houaiss
Academia Brasileira de Letras

Busco ressaltar, numa vida que me parece imaculadamente bela, não apenas o amoroso de sua mulher, de suas filhas, de seus netos, que não sem razão sabem o quanto perderam e como devem preservar-lhe a memória; não apenas o amigo e colega e companheiro, em quem jamais lavrou a disputa ou a inveja; não apenas o professor e mestre que, com vocação e insuperável devoção, soube ser um defensor de nossa língua de cultura. E é isso: em Rocha Lima cumpre homenagear a contribuição que deu à preservação e excelência de nossa língua.

Eis aí um tema de que muito sociólogo ou sociologizante sorrirá ceticamente, ao considerar, **a priori**, de si para si, quão ingênua é a tese: como um homem, entre 50 milhões e 150 milhões – o espectro demográfico brasileiro no lapso de vida ativa no magistério de Rocha Lima – poderá ter influído no comportamento linguageiro coletivo?

Pois consideremos alguns dados: leve-se em conta que da sua gramática normativa – incomparável como doutrina, exposição e síntese – já se venderam mais de um milhão de exemplares; que cada um terá sido compulsado, ainda que referencial ou consultivamente, por três pessoas e que, no Brasil do lapso de vida de Rocha Lima, não mais de 20% dos brasileiros estudaram com certa seriedade a nossa língua de cultura – e não será excesso dar a ele a preeminência que lhe reivindico.

Sorriria ele se estivesse ante mim, lendo-me estas linhas e, com a doce ingênua ironia que por vezes tinha, me pediria que eu me comedisse... Alegria que se tinha que levar em conta os Maximinos Maciéis, os Joões Ribeiros, os Eduardos Carlos Ribeiros, os Quintinos do Vale, os Antenores Nascentes, os Celsos Cunhas – e sua nômima seria bem mais copiosa e generosa –, querendo assim inscrever-se numa linhagem de lutadores da defesa desta nossa língua – o que postula a questão do desempenho de certos estudiosos em face da questão languageira no mundo.

Carlos Henrique tinha consciência do problema como grande lúcido. Sabia – e o vi claramente visto nos seus escritos e o ouvi claramente ouvido nas suas aulas – que uma língua de cultura como a nossa e poucas mais – num mundo de mais de dez mil línguas ágrafas – só subsistiriam como tal se fossem servidas por uma imensa rede de escolas, como legiões (pacíficas) de professores e exércitos (pacíficíssimos) de alunos: o que é a realidade que o criou do mundo desenvolvido, a que só acedem os países e nações que criam tais redes e a que não acedem os que não as criam, havendo mesmo os que tomam as vias do subdesenvolvimento agravado exatamente porque deterioram as que tenham sido acaso criadas num certo passado, pelo abandono e achincalhe da mais fecunda das profissões humanas; bem haja, professor Rocha Lima.

Lúcido, Rocha Lima se rebelava contra certa lingüística, que, se crendo objetiva, concreta, realista, estatística, matematizante, empírica descamba em certo populismo esterilizante e conformista, coonestando uma norma pseudoculta que é a urbana de escolarizados com mil horas de estudo até os quinze anos de idade, em constraste com os adolescentes franceses, ingleses, norte-americanos, japoneses *et alia* com 15 mil a 16 mil horas. Sabia ele muito bem que não se ensina para saber falar – falar, fala-se pela mera inserção social (sem escolas, sem professores, sem alunos), mas tal fala não permite o exercício de 30 mil profissões modernas que, em quase sua totalidade, são avessas aos analfabetos e afins. Sabia que, sem continuado estudo, não se vai além de 3 mil palavras mnemonicamente vivas – em face da necessidade de vários milhares mais, consoante as profissões, em face da **consciência** de que há 400 mil que podem ser dominadas pelos cidadãos com apenas terem a chamada cultura librária (que outros, desprezivelmente, dizem libresca) e a chave das consultas às fontes e às obras de referência.

Paladino da boa luta, não aceitou esse achatamento. Não havia nele nenhum ressentimento aristocratizante, nenhuma veleidade serviente, nenhum ideal classificante. Amava sua gente, seu povo, sua língua – e os queria usufrutuários dos bens que a cultura, a ser aberta e profunda e comum, faz do homem mais homem.

Pertencia ele àquele punhado de seres humanos que eu gostaria de ter à beira do meu túmulo. É por isso que viver é morrer um pouco a cada perda querida.

Transcrito de Idéias – Ensaio / *Jornal do Brasil* de 25.08.91.